

Lisboa, Dezembro, 1913.

MANUEL F. DE VARGAS.

## No concelho de Sintra. Escavações e excursões

### I

#### O Hipocausto de Vila Verde (Sintra)

Vila Verde é uma comprida aldeola dos arredores de Sintra, atravessada na estrada que segue para a Ericeira. Por ela passa uma curva geológica que começando lá para as Várzeas e subindo por Cabris vai depois numa continuidade notável de bancos de calcáreos exploráveis seguir para Rale, Armez, Fervença, Lameiras e Montelavar.

Obra de quilómetro e meio antes da povoação, levantam-se alguns poucos telheiros de lavra de cantaria, onde os mármore, extraídos do próprio local, são preparados para serem enviados para Lisboa e

para o Brasil. Perto dos telheiros, ao sul da orla dos bancos actualmente em exploração, existem espalhados num espaço de 500 metros quadrados, abundantes vestígios de ocupação romana: tejos, telhas, fragmentos de olas, tesselas de mosaicos, etc. Percorrendo o terreno deparei com vários pedaços de mós e de pedras lavradas, e quasi no extremo da zona onde se achavam antigualhas, com uns restos de edificio pouco saídos do solo, embora nitidamente reconhecíveis. Disseram-me que chamavam àquilo as Abóbadas. Parecendo-me que poderia colher mais alguns dados curiosos para o estudo da arqueologia romana no concelho de Sintra, decidi umas excavações que logo passados dias realizei.

Dentro de um dos telheiros guardavam os lavrantes uma pequena tábula funerária de lioz claro, inscrita com letras do baixo império, a qual comprei para o Museu Etnológico. Vem descrita pelo Dr. Leite de Vasconcelos a p. 84 do volume XIX, e refere-se a um Maurínio filho de Licínio e à mãe d'este, Amanda, sepultados no local onde estava a pedra. Era como tantas outras uma inscrição funerária das que se collocavam nos *columbaria* das famílias romanas.]

\*

Começada a escavação e retirada uma primeira camada de terra até um palmo de fundo, apenas se desenterraram pedaços de telhas, planas e curvas, e em pontos, carvão e terra negra, de origem moderna.

Emquanto durava essa tarefa preparatória dirigi-me para S. Miguel de Odrinhas, o célebre santuário em volta do qual floresceu uma importante povoação da época romana, onde consegui adquirir uma base de ara, com um largo orificio circular no centro; um pedaço de inscrição ( $0^m,35 \times 0^m,30$ ) com as letras

C.IVL

IVLIA

belamente desenhadas e gravadas, e três pedaços de cabeceiras de sepulturas medievais, ornamentadas. Um pouco adiante de Odrinhas, no Funchal, visitei também vários silos semi-arruinados, de época posterior evidentemente, e vi algumas inscrições fragmentadas, entre as quais avulta uma inédita, referente a uma *Amoena*, nome tam frequentemente notado nos leiteiros romanos dos arredores de Lisboa e do centro do país. É uma pedra arciforme, tipo da *cupa* simplifi-

cada, com a parte esquerda da frente partida, interessando o começo das palavras inscritas. Está sob uma parede de palheiro, e pode ler-se claramente nela

(LIC)INIA. M. F. AMOENA

(AN)N. VIII H. S. E.

É considerável a série de inscrições em que aparece o nome feminino de *Amoena*. De umas 25 citações que o *Corpus*<sup>1</sup> traz, poucas (1 ou 2), se referem a lápides achadas em Espanha; quasi todas pertencem à Lusitânia. Assim, 2 são de Elvas (156-157), 1 de Portalegre (161), 1 de Lisboa (212), 2 de Odrinhas (267-287), 1 da Quinta da Cabeça, Sintra (268), 2 de Oeiras (270-5009), 2 de Alenquer (271-275), 1 de Tôrres Vedras (296), 1 de Olhalvo de Alenquer (316), 1 de Colares (318), 1 de S. Tiago de Arranhol (361), 1 da Codesseira (5017), 1 de Tomar (5026), 1 de Condeixa-a-Nova (389), 1 de Viseu (410).

*Amoena* seguido de outro cognome encontrou-se ainda em pedras de Penalva da Beira, Valado de Alcobaça, Lamego e Arroyo del Puerco (Valência de Alcântara). Numa pedra aparecida recentemente em Caparide de Cascais, encontra-se também este cognome. Qual a sua origem? Pertenceria a uma família indígena romanizada, ou de sangue puramente itálico? Seja como for, é para notar que a maior abundância de referências se encontra no Termo de Lisboa: Oeiras, Caparide (Cascais), Colares, Alenquer e Odrinhas (Sintra).

\*

Quando voltei a Vila Verde, o trabalho continuava sem interêsse, pois que apenas se tornavam mais visíveis os limites do edificio.

Com a marcha gradual da exploração nenhuma novidade scientifica apresentou neste caso, limitar-me hei a apontar os resultados finais dela e a tirar as conclusões possíveis.

Os restos do edificio conhecido pelo nome de «as Abóbadas» que a exploração de Vila Verde pôs melhor a descoberto, e que um indígena velhote me informou ter conhecido na sua meninice ainda efectivamente abobadados, fazem parte do *hipocaustum* duma vila antiga que qualquer rico senhor luso-romano mandou ali edificar na chã, para centro

<sup>1</sup> *Corp. Insc. Lat.*, v. I, p. 733, e II, p. 1077.

de exploração agrícola ou para recreio, frente ao panorama sem igual da Serra, que quasi toda se desdobra em frente, muralha enorme erigida de quadrelas gigantes, coroada de tórres de menagem que adelgaçam estranhamente para as nuvens.

O desenho junto explica claramente êsse destino da parte do edificio explorada (fig. 1).

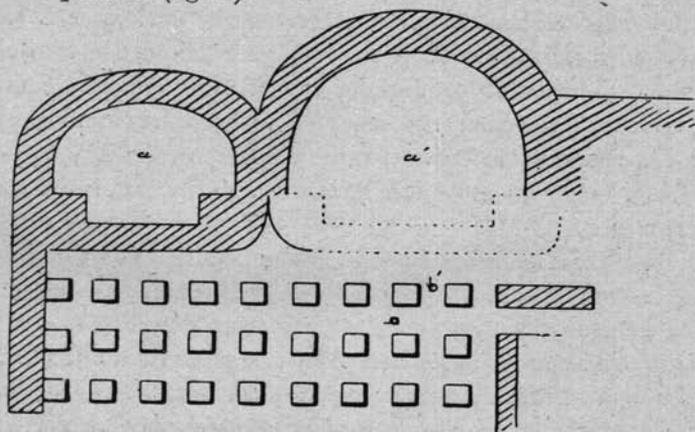


Fig. 1

Duas absidas desiguais, de fortes paredes de cantaria lavrada, com  $0^m,6$  e  $0^m,7$  de espessura, limitam o pequeno edificio para o sul, depois de um espaço rectangular que uma série de pegõesinhos, regularmente espaçados e dispostos, ocupa. Êsses pegões, iguais (superfície  $0^m,3 \times 0^m,2$ , altura  $0^m,2$ ) e equidistantes ( $0^m,45$  verticalmente e  $0^m,60$  transversalmente), indicam, no prolongamento das duas absidas, os pontos sobre que se apoiava um sobrado de casa de banho, cujo aquecimento devia ser feito pelo canal que se vê do lado direito, entrando o ar aquecido por aí para depois se espalhar por toda a área, exceptuando os arcos absidais onde se não viam sinais de pegões e que além disso as paredes que seguem na corda do arco isolavam.

Os pegões (*pilae*), em número de vinte e sete mostram a pequenez da câmara (é natural que fôsse uma só, apesar da dupla absida, porque não há alicerces de separação). São êles formados por tejolos quadrangulares com as dimensões de  $0^m,23 \times 0^m,22 \times 0^m,04$ ;  $0^m,18 \times 0^m,18 \times 0^m,04$ , e  $0^m,17 \times 0^m,17 \times 0^m,04$ , fortemente argamassados e arranjados de modo a ficar cada pegão com uma superfície máxima de  $0^m,35 \times 0^m,30$ . A série dos *pilae* assenta sobre um lastro de grandes tejolos, colocados numa camada de argamassa, que muitas vezes os envolve completamente. Logo por baixo é o solo virgem. Os pilares são um pouco mais elevados para o lado do canal de aquecimento.

Sobre estes vinte e sete pilares assentava o solo da câmara, de que não encontrei restos alguns no próprio lugar. É contudo fácil reconstituir a disposição do sobrado pelo estudo dos monumentos análogos estrangeiros<sup>1</sup>, de Marienfels, Pompeios, Verdes, Laudunum, etc.

Sobre parte de cada quatro pilares apoiava-se um tejolão grosso que, fortemente argamassado contra os que lhe ficavam ao lado — assentes como êle em parte de outros tantos, serviam de base a uma camada de formigão ou de tejolo esmagado misturado com cimento. Por cima vinha então o sobrado, revestido de placas de mármore ou mosaicos, que com a sua massa faziam conservar mais tempo o calor das câmaras, evitando ao mesmo tempo a infiltração de gases deletérios. O pavimento que cobria a *câmara de calor* tinha o nome de *suspensura*.

O desenho mostra a simplicidade da disposição da câmara. O sobrado assentava sobre os pegões e sobre a parede e encostos que correm no arco das absidas. Essas não eram tam directamente aquecidas porque a parede as isolava. Aí ficariam porventura as banheiras.

Isto com referência ao edificio. Nos desentulhos appareceram com frequência tesselas de mármore anegrado, fragmentos de tejolos de vários tipos, dois fragmentos de tábulas de mármore alentejano de granulação sacarina, muito alvos, um disco de barro cortado da parede de um vaso grosso, uma moeda de cobre, alguns poucos cacos de vasilhas de louça grossa luso-romana e alguns ossos longos com parte de uma calote craniana e meia queixada de um esqueleto, cuja inumação no lugar julgo posterior à época do edificio. A exploração agrícola destruiu tudo o mais que se ligava às ruínas; escaparam «as Abóbdas» porque ficavam numa pequena depressão do terreno.

A moeda é um médio-bronze do baixo império, lendo-se com facilidade de um lado, «Gloria Romanorum».

Também do lado direito dos alicerces se encontraram umas pedras polidas no rebordo; ajustadas, mostravam fazer parte de uma mó, que tinha a particularidade de deixar um vão larguissimo no centro. Tem 0<sup>m</sup>,34 de alto, e 0<sup>m</sup>,11 de espessura nas paredes

Variados foram os tipos de tejolo que se encontraram fazendo parte dos *pilae* e do lastro de assentamento dos mesmos. Aponteis as seguintes dimensões, em quatro tipos gerais de *lateres*. Tejolo de forma quadrada, mais ou menos regular: 0<sup>m</sup>,23 × 0<sup>m</sup>,22 × 0<sup>m</sup>,04;

<sup>1</sup> Saglio & Darenberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, parte III, pp. 346 e 347, e Possidónio da Silva, *Noções Elementares de Arqueologia*, p. 78 sgs. e gravuras.

$0^m,19 \times 0^m,18 \times 0^m,04$ ;  $0^m,17 \times 0^m,17 \times 0^m,04$ . Tejolos rectangulares, de tipo pequeno:  $0^m,31 \times 0^m,09 \times 0^m,055$ ;  $0^m,27 \times 0^m,065 \times 0^m,035$ . De tipo médio:  $0^m,40 \times 0^m,14 \times 0^m,04$ ;  $0^m,35 \times 0^m,12 \times 0^m,04$ . De tipo maior:  $0^m,45 \times 0^m,32 \times 0^m,05$ ;  $0^m,40 \times 0^m,28 \times 0^m,04$ ;  $\times 0^m,375 \times 0^m,28 \times 0^m,03$ .

Além destes exemplares simples, havia tejolos de ligação já apropriados para encadear com outros, tanto por meio de um prolongamento rectangular no tópo do tejolo, correspondendo no outro tópo um cavado igual, como por meio de prolongamentos laterais que iam ligar-se pelo mesmo processo a outros tejolos.

Encontrei também um pedaço de um grosso telhão curvo, semi-cilíndrico, com  $0^m,31$  na volta e  $0^m,05$  de espessura.

As principais medidas nas paredes do hipocausto, são:

Comprimento lateral das duas absidas:  $6^m,30$ ; para o lado dos pegões, 5 metros.

Corda de  $a$ ,  $2^m,60$ ; de  $a'$ , 3 metros. Raio da corda de  $a$ ,  $0^m,50$ ; de  $a'$ ,  $1^m,80$ . Distância entre o tópo de  $a$  e de  $a'$ ,  $1^m,30$ . Espessura das paredes: nas absidas, em  $a$ ,  $0^m,60$ ; em  $a'$   $0^m,70$ ; nas restantes  $0^m,50$ . Os pegões tinham de altura, para a banda do canal de aquecimento,  $0^m,20$  de altura, para o lado oposto  $0^m,15$ . A sua superfície média era de  $0^m,30 \times 0^m,20$ . A distância média dos pegões entre si era, no sentido  $b$  de  $0^m,60$ , no de  $b'$  de  $0^m,45$ . Creio ser este o exemplo único de *hipocaustum* em que os pilares tenham tam pouca elevação; tanto naqueles de que tenho noticia escrita, como nos que tive ocasião de ver, em Pompeios e em Óstia, o sobrado assenta bastante alto. Alguma modificação para pior haviam de sofrer as construções desde a Itália até aqui.

Pena é que o resto da *vila* a que pertencia o *hipocaustum* tivesse desaparecido quasi por completo; ; quantas curiosidades não nos revelaria ainda!

## II

### Uma volta pelas serras da Olela

28 de Outubro de 1912: desembarquei no Sabugo pelas nove horas. A estação está situada na orla da terra baixa que se estende em triângulo vastíssimo entre os montes do Sabugo a Mafra, dum lado, a Serra de Sintra, do outro, e o mar do terceiro.

No terreno fronteiro à *gare*, ao norte, encontrei logo fragmentos de cerâmica de aparência neolítica.

Nas vastas planuras da região, frequente e inopinadamente apparecem pelo solo cacos de louça neolítica, mós de conglomerados e de

granito e sílices de talhe bastante rude. Acontece isto para os lados de Lisboa, na Amadora, em Queluz de Baixo, na Damaia, na Boa Vista, etc. O sílex dos instrumentos é igual ao das estações *paleolíticas*, mas entre esses instrumentos nunca se encontram *coups-de-poing*; apenas raspadores, pontas, etc. ¿Indicarão esses objectos que se está sobre *fundos de cabanas*, desmanteladas pelos trabalhos agrícolas? É natural que sim.

Toda a região entre Sintra e Lisboa possui abundantes vestígios da pedra polida: estações ao livre, com o carácter de estabilidade das grandes povoações: Monsanto, Sete Moinhos, Belém, Liceia, Serra de Sintra, etc; cavernas sepulcrais e de habitação: Penha Verde, grutas de Olela, de Cascais, de Pôrto Covo, Vale de Lobos; *tholoi* e monumentos congéneres: S. Martinho de Sintra, Fôlha das Barradas, Monge; algumas antas: Montabrão, Estria, Agualva, Carrascal, Quinta Grande, Camelas. Tudo isto — e não quero enumerar agora a série enorme de lugares onde aparecem só reduzidos vestígios de pousio neolítico —, num espaço de cinco léguas quadradas, revela uma grande intensidade e desenvolvimento de população, nos primeiros tempos prehistóricos.

Em tais circunstâncias não é de admirar que, numa região onde viveram povos que tam valiosas e múltiplas provas deixaram da sua importância, se encontrem nas próprias planuras objectos de mobiliário indígena primitivo. Esses achados indicam ou que no solo ficaram apenas os vestígios do acampamento passageiro de bandos nómadas, ou que nos felizes tempos da pedra polida o homem não era tam mau ou medroso como o dizem, e estabelecia também a sua habitação fora de lugares que não tinham a defesa natural das alturas ou das águas.

Será isto assim? A evidência dos factos vem cada dia trazer-nos mais provas de que o homem neolítico, ao mesmo tempo que habitava castros formidavelmente defendidos pela natureza ou por arte, como os da serra de Sintra, Sete Moinhos, Liceia e Monte dos Godinhos (Linda-a-Pastora) vivia também em plainos desabrigados e indefesos, pacificamente, caçando os animais bravios, apascentando gados, trabalhando a terra.

Separaram a *gare* do sopé dos montes da Olela, uns 800 metros de terras de lavoura, planas, alteadas numa leve subida junto da povoação que tomou o nome da serra. O povo fica sobre um soccalco fundeiro, assente em largo cabeça, com as casas muito iguais, de andar sobradado entre dependências mais baixas. Numa das habitações encontrei, guardados pelos donos, um polidor e um percutor,

achatados, ovais, o primeiro de seixo, moído nos topos em dois planos angulares, com 0<sup>m</sup>,09 de comprimento e 0<sup>m</sup>,08 de largura, o outro de rocha negra, com dimensões idênticas, cavado com um par de covinhas, nas faces inferior e superior, para melhor preensão.

Preguntando por *coriscos* ou *pedras de raio*, toda a gente sem excepção me mostrou seixos redondos, polidos naturalmente. Achei isto curioso, ali tam perto de Sintra, onde os verdadeiros machados de pedra são comuns. Nos Almornos succedeu a mesma cousa.

#### As grutas da Olela

As serras da Olela têm 300 metros de altura e desenvolvem-se em três corpos paralelos, com um prolongamento mais baixo, perpendicularmente à planura, que se estende até muito longe. Ficam na direcção E.-O. fixa. Nas encostas, formadas por terríveis aglomerados de rocha alva, calcáreo friável como não vi outro ainda, cheio de covas e canais roídos pelas águas, acham-se várias grutas, as mais importantes das quais são as que se abrem na face norte do primeiro corpo da serra, e na face sul do segundo corpo.

A primeira que se topa é a *Toca do Arco*, nome que lhe foi dado por, junto da entrada, se encurvar em volta irregular um pedaço de pedra, seguindo-se depois a *Cova da Raposa* e a do *Beguino* que são importantes, e outras que não tem nomeação especial por não a merecerem pelo valor. A *Toca do Arco* consta de uma série de corredores estreitos e desiguais em que tem de se andar de bruços, e termina numa câmara um pouco mais larga. É irregularíssima; parece que um estranho e doido animal anti-diluviano andou furando na pedra o mais complicado dos caminhos, em voltas, cotovelos, viravoltas, câmaras e gargalos estrangulados. Das suas entradas, variadas em posição e dimensões, só uma, com o terreno adjacente foi atacada em tempos, numa exploração arqueológica de Carlos Ribeiro; as outras, e o resto da gruta, não o foram, e creio bem que o trabalho lá dentro será difficilimo, e não sei se proveitoso.

A *Cova da Raposa* tem uma boa entrada e é muito comprida, e tanto que até corre no povo a lenda de que uma porca que por ela entrou, acompanhada dos seus bacorinhos, foi parar aos Negrais, que são um alto aglomerado de calcáreo com tocas, à distância de uma légua para E., na direcção de Mafra. As tocas que lá existem, levaram naturalmente o povo a elaborar a história, que não é original.

E não são apenas estes os lugares onde, pelos arredores, há calcáreo esfuracado de grutas. No *Penedo Gião*, para lá dos Almornos,

ao N., e sob a Portela, elas lá estão também, motivo de superstições e contos populares, quiçá abrigos de algum rico espólio preistórico.

O que, em resultado das explorações de Carlos Ribeiro antes de 1880 se exumou nas grutas do *Arco*, *Cova da Raposa* e do *Beguino*, encontra-se nos armários n.ºs 37 e 45<sup>1</sup> da Sala de Antropologia da Comissão Geológica, onde até hoje jazeu esquecido, por o ilustre geólogo ter falecido sem publicar o relatório dos descobrimentos.

São sílices e quartzites grosseiramente talhados, como se fôsem obra do paleolítico, machados, mós de conglomerados, pilões de basalto mais ou menos troncónicos, fragmentos de cerâmica trabalhada à mão, simples, ossadas de animais vários. Os cacos são abundantes, mas apenas se conseguem apurar quasi inteiros, uma malga pequena e um vaso de forma cilíndrica, com o fundo chato. Todo este espólio é igual ao que oferecem as estações arqueológicas das planuras entre Lisboa e Sintra, e denota ser originário de uma fase do pleno neolítico, sem mistura alguma de instrumentos metálicos.

No fim da 1.<sup>a</sup> parte da «Notícia de algumas Estações e Monumentos Preistóricos<sup>2</sup>», encontra-se uma referência clara e interessante às grutas de Olela: reza assim.

«Na coroadá da montanha de Olela, situada na freguesia de Al-margem do Bispo, 26 quilómetros a NO. de Lisboa, descobrimos outra estação preistórica que oferece nos seus caracteres etnográficos muita semelhança com a de Liceia, e que já começámos a explorar; e nas encostas das profundas ravinas da mesma montanha também descobrimos três grutas, onde se encontraram objectos que parece pertencerem ao fim da idade paleolítica, e a mais de uma fase da época neolítica. Com a exploração e pelo exame comparativo destes achados se esclarecerão muitos pontos duvidosos sobre a classificação e a successão dos factos de largo período neolítico em Portugal e de suas relações com as do período quaternário».

Estas palavras do ilustre geólogo, um dos apóstolos dos estudos preistóricos em Portugal, mereciam bem ter um seguimento e uma prova. Infelizmente, como disse, o relatório não foi feito, e hoje o espólio é insufficiente para documentar as conclusões que Carlos Ribeiro pretendia tirar dêle. Os instrumentos preistóricos com carácter paleo-

---

<sup>1</sup> É para notar que o espólio dessas grutas se encontra infelizmente dividido por lugares diferentes e fora do seu agrupamento geográfico. Assim as cousas da Cova da Raposa estão entre os objectos trazidos de Alcobertas e da Serra do Montejuento.

<sup>2</sup> Carlos Ribeiro, *Estudos Preistóricos em Portugal*, parte 1, p. 69.

lítico tem-me aparecido em numerosas estações sempre junto de cerâmica neolítica, tal qual como nas *Covas da Raposa e Beguino*, indicando um período remoto da civilização da pedra polida.

Transição da pedra lascada para a idade seguinte? ¿Quem poderá afirmá-lo agora, ainda sem as confirmações estratigráficas das cavernas?

#### Estação da coroada

Deixando as grutas, subi para o alto, julgando que o ponto mais avançado do Picoto — por este nome são conhecidas as cristas dos três corpos da Serra —, conservaria vestígios de alguma estação arcaica. Desiludi-me depressa; pelo menos os carrascos altos e ásperos e a rocha cortada em mil fendas de arestas aguçadas impedem por completo o exame do solo. Para E. há um plainozinho entre ligeiras elevações; aí encontrei um raspador triangular de sílex, com pátina castanha, do tipo alongado dos *grattoirs* franceses.

No extremo O. do Picoto do segundo corpo da Serra encontrei um outro plano entre elevações, totalmente cercado por elas do NE. e O. Aí apareciam com abundância percutores, mós de conglomerados, fragmentos de cerâmica grosseira, sem ornatos, e alguns, pouquíssimos, sílices.

Considero notável entre estes um raspador circular que tem a face inferior lisa, e conserva na parte superior um bom pedaço da casca do sílex, sendo talhado a grandes pancadas, e que tem uma aparência totalmente paleolítica<sup>1</sup>, atribuição esta de origem que a jazida e os objectos encontrados juntos contradizem.

Deve ter existido neste lugar um pequeno núcleo de habitações. ¿Será aqui a estação da «coroada do monte» a que se referia Carlos Ribeiro?

Dos altos da Olela, pelo meio das terras, aos Almornos, terra de lavadeiras e de nabais viçosos nesta humidade outonal, não se leva muito tempo, mas perdem-se as passadas porque a povoação nada apresenta de notável; fala-se apenas de *silos*, ora perdidos. O próprio nome da terra justifica a existência dessas velhas construções mouriscas.

Seguindo para o N., ao chegar à *Portela dos Almornos* disse-me o guia que no seu tempo de criança apareciam ali muitas sepulturas, com caixões de lajes e pedras levantadas a cada cabeceira; sepulturas medievais à certa, com os habituais padrões lavrados de cruces, no

<sup>1</sup> Vid. o *Arch. Port.*, vol. xvii, p. 275 *Facas e raspadores da estação paleolítica de Monsanto I.*

tôpo superior. Nesse lugar vi sôbre a parede do caminho uma esplêndida mó dormente, de grande côvo oval, e logo perto uns cacos grossos, vermelhos, que não devem ser de época muito remota.

Descendo daqui um pedaço mais, sempre na direcção do N., encontra-se metida num recôvo de terreno, bem abrigada de NE. e O., por pequenas alturas, uma *courela* ou *fôlha*, cujo declive se escoo ligeiramente para o S. Ao tôpo N. nasce uma fonte cuja água vem depositar-se ao fundo da courela, numa poça.

#### Estação paleolítica de Ribeichelas dos Almornos

Neste lugar, estação ideal para uma ou mais famílias se estabelecerem, ainda em nossos dias, achei instrumentos paleolíticos bem definidos: um *coup-de-poing*, o esbôço de outro, um instrumento longo e aguçado como uma ponta, dois raspadores e alguns outros objectos sem forma característica. O *coup-de-poing* é talhado a grandes pancadas, em forma de amêndoa, com secção triangular, e conserva ainda um pouco da casca do sílex, na parte superior. A linha de corte é em zigue-zague e acompanha todo o perímetro do instrumento. Belamente patinado, apesar de lhe faltar a ponta já desde tempos remotos, como se nota pelo tom *cachalongado*, mede de comprimento 0<sup>m</sup>,10, de largura 0<sup>m</sup>,075, e de espessura 0<sup>m</sup>,045. A *ponta* é um pedaço de sílex alongado, de bordos paralelos até perto do bico, onde aguça rapidamente como se fôsse aparado aí como um lápis. Da face superior para a inferior,

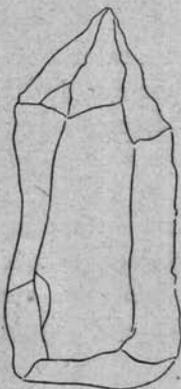


Fig. 2

igualmente paralelas, a transição é feita por planos inclinados, com basto retoque nas arestas, sendo a secção do instrumento no centro, um trapézio irregular. Comprimento 0<sup>m</sup>,096, largura 0<sup>m</sup>,046, espessura 0<sup>m</sup>,02 (fig. 2).

Chama-se ao ponto Ribeichelas dos Almornos, e lá o sílex não abunda à superfície, porque a terra está ainda por revolver, e porque é costume dos *malteses* ensacarem durante as ceifas todos os pedaços que encontram, para serventia das suas iscas, por nas terras respectivas, ao que dizem, a pederneira não ser vulgar.

#### O Forno dos Mouros

Voltei aos Almornos, lançando mais um olhar curioso para as suas casas uniformes como as de Olela, como elas constituídas por uma *casa de sobrado*, quadrangular, entre dependências baixas, e descí

para a base da Serra. Aí fui ver o *Forno dos Mouros*, que dista uns 200 passos da povoação da Olela, para SO. Junto de um riacho, cuidadosamente cavado na rocha, distingue-se metade de um silo, do tipo tam espalhado dos silos algarvios e de que o *Boletim* da Sociedade Arqueológica Santos Rocha<sup>1</sup> deu em tempos alguns desenhos. As grutas de Palmela e Alapraia lembram esta forma com o seu amplo respiradouro circular no alto, mas a cavidade ocupada pelas câmaras sepulcrais é muitíssimo maior do que aqui.

Este silo, que tem 2<sup>m</sup>,50 de diâmetro, causa estranheza pela situação junto do ribeiro, e por ter uma forma que não é a costumada na região, onde são sempre cilíndricos os que existem entre Sintra, as montanhas ao N., e o mar (fig. 3).

Seguindo depois na direcção da Cortegaça, encontrei a uns 300 metros do *Casal dos Palmeiros*, à esquerda da estrada Sabugo-Morlena, uma nova estação paleolítica, do tipo vulgar da região, situada em planura, com os sílices belamente patinados de amarelo e vermelho. Não pude percorrê-la toda porque o tempo já não o permitia; tratava-se de regressar. Caía a noite. A serra de Sintra anegrava progressivamente; raiava agora o céu um feixe de tiras vermelhas do revêrbero do sol no ocaso, alternado com outro de faxas cinzentas, de núvens ténues.

Do combóio já, vi cerrar a noite; a serra e as terras em tórno, apareciam como se as olhasse numa chapa fotográfica, vagamente iluminadas, relevos em claro...

### III

#### Uma ara funerária

Janas, povoado menor do concelho de Sintra, afastado umas duas léguas para oeste da vila séde, já perto do mar, é uma aldeia com os característicos regionais bem definidos, cheia de lajes de calcáreo carcomido, com um passado remoto que se manifesta em inscrições romanas, já mencionadas no *Corpus*<sup>2</sup>, e uma desenvolvida vida agrícola activamente mantida hoje pela cultura do vinho de Colares. Um pouco afastado dela, sobre uma colina de areia que se alcança depois de se atravessar uma azinhaga entre arrifes altos, fica a capela

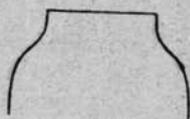


Fig. 3

<sup>1</sup> *Boletim* da Sociedade Arqueológica Santos Rocha, tomo I, n.º 1, est. III.

<sup>2</sup> *Corp. Insc. Lat.*, n.º 281, p. 32, e n.º 311, p. 34.

de S. Mamede, protector encartado de todo o gado vacum de muitas léguas em redor.

Ergue-se o santuário, que é de forma circular, sôbre um vasto panorama de areias, plantadas das cepas que produzem o brando Colares tradicional, cortado o terreno com regularidade pelos caniçados baixos que abrigam espaçadamente as videiras das ventanias agrestes e salinas do mar largo. Para a banda do sul abre a capela a rir numa alpendrada, cujo telhado é sustentado por 11 pilares curtos, assentes em peitoril corrido.

Entrando, o interior depara-se vazio, com uma bancada correndo ao longo das paredes, o chão lajeado, o teto abobadado sustentado em seis colunas que ao centro formam uma espécie de tabernáculo, que protege um lampadário. Toda aquela frieza e disposição mostra o séc. XVII, apesar da opinião corrente entre os sintrãos de que a capela de S. Mamede de Janas é um autêntico templo romano.

Nada na construção revela os tempos anteriores; nenhum daqueles troços de edificio, que os séculos passados marcaram com o sinete de origem e que tam frequêntemente as novas edificações deixam a descoberto nas paredes, aparece aqui. Apesar disso, porém, não me causa repugnância tal opinião, quanto ao passado. Janas tem inscrições romanas; uma encontrei eu próprio encostada a uma parede da capela. Nesta venera-se S. Mamede, protector dos gados; a sua festa é iniludivelmente pagã. ¡Que pode admirar que o templo cristão continue, sob nova invocação, o culto do Deus romano ou lusitano, ou, quem sabe até, anterior!

A seguir me refiro à inscrição romana e à festa de S. Mamede.

Na cimalha que corre ao nascer da abóbada, nos ábacos das colunas centrais, na parede toda, pendurados pelos cachacos com fitinhas de cores vivas (azuis, vermelhas, verdes), boisinhos alvos, de cera, sósinhos e aos pares, alegam a brancura do muro caiado. São os ex-votos que os lavradores dos arredores vão levar ao santo, em agradecimento, quando as suas reses perigam e se saram, ou para protecção preventiva apenas.

O santo, gótica imagem inexpressiva arrimada a um bordão, tem aos pés um animal informe, boi ou porco, porque a ambas as espécies protege. Perto, um curioso ex-voto que representa uma vaca, aguarela de um pintor de duvidosas artes, explica num longo letreiro como o animal, tendo estado a deitar sangue, 48 horas seguidas, da *sua bonita venta*, e já desenganado do ferrador e dos seus remédios, se salvara devido à milagrosa intervenção do santo. Estes dons à divindade são geralmente trazidos no dia da festa do orago, e ainda há poucos anos

todos os lavradores do termo conduziam os seus gados, enfeitados com fitas multicolores, a dar umas voltas à capela, fazendo-se por isso no sítio um dos mais pitorescos arraiais de todo Portugal, comparável aos da Fatela (Fundão), Montemor-o-Novo, Senhora de Aires de Viana do Alentejo, etc., com cerimónias idênticas.

A festa com o gado dando voltas, ritualmente pagãs, ao edificio, — não sei se até entrava para o interior dêle — com a devoção a um santo especialmente destinado a proteger os gados, é tudo quanto há de menos cristão. Por isso não repugna a idea exposta atrás.

Fora do templo encontrei, sob o arco da sineta, servindo de degrau a quem tinha de puxar a corrente, uma ara rormana de lioz rosado, inscrita com duas letras. Tem de altura 1<sup>m</sup>,01; de largura na base: 0<sup>m</sup>,59 × 0<sup>m</sup>,59, na cabeça 0<sup>m</sup>,53 × 0<sup>m</sup>,49, no fuste, 0<sup>m</sup>,455 × 0<sup>m</sup>,43. Na face principal do fuste, que forma corpo inteiriço com a cabeça e com a base, encontram-se duas letras, D M, com 0<sup>m</sup>,10 de alto. A base tem na frente um quadro incompleto, que iria completar-se de certo noutra pedra em que se apoiava; êsse quadro tem 0<sup>m</sup>,46 de comprimento e 0<sup>m</sup>,16 de alto. O *foculus*, muito simples, tem 0<sup>m</sup>,1 × 0<sup>m</sup>,09 de bôca e 0<sup>m</sup>,06 de profundidade (fig. 4).

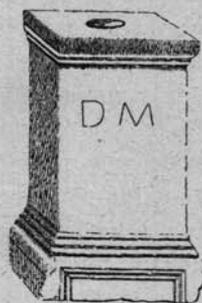


Fig. 4

Esta ara é extremamente interessante não só pela forma e dimensões, mas em especial por estar apenas inscrita com as duas letras D M.

¿Seria o resto da inscrição pintado?

As letras D M devem representar o comêço da consagração usual aos *deuses Manes*, fórmula freqüente.

São vários os exemplos de aras anepígrafas existentes em Portugal como relata o Dr. Leite de Vasconcelos<sup>1</sup>, mas inscritas dêste modo não conheço mais nenhuma.

A ara encontra-se hoje no Museu Etnológico, onde ingressou devido aos esforços e amabilidade da Junta de Paróquia de S. Martinho de Sintra, ao seu presidente, ao vogal Faria, já infelizmente falecido, e ao Sr. Nunes da Silva, que todos se empenharam nessa patriótica tarefa, e para cujo procedimento todos os louvores são poucos.

O culto de S. Mamede e a sua festa, a que não pude assistir ainda, dar-me hão assunto para um trabalho que os limites arqueológicos

<sup>1</sup> *Religiões da Lusitânia*, vol. II, p. 136, e vol. III, p. 510.

desta revista não deixam expandir. Fique contudo assente que é muitíssimo provável a existência de um *fanum* luso-romano no lugar de Janas.

## IV

## Dois monumentos sepulcrais romanos

Quando uma vez, há bons seis anos, seguia em bicicleta de Sintra para Odrinhas, depois de ter passado uma apertada curva que vem morrer junto às primeiras casas de Lourel, a 2 quilómetros da vila, lançando distraidamente os olhos para um casal semi-arruinado da banda da esquerda, em plano inferior ao da estrada, notei que os umbrais da cancela do pátio, que se estendia em frente da habitação, eram formados por duas soberbas pedras sepulcrais romanas, daquelas que apresentam a forma tam característica de baús.

Tendo-me aproximado, verifiquei que as pedras estavam com as respectivas inscrições viradas para o céu, já muito comidas do tempo, mas ainda perfeitamente legíveis. Copiei-as, e uma vez de volta a Lisboa procurei-as no *Corpus*; lá apareciam sob os n.ºs 299 e 301, numa leitura seguida e corrente de Sottomayor, que as designava como existindo «junto da porta do casal do Alcaide mór», em Lourel.

Não era decerto aquela pobre habitação de um só andar baixo, o casal do alcaide-mór de Sintra. De facto, segundo informações colhidas no local, alguns anos atrás as pedras tinham sido transportadas para ali, de uma herdade que fica perto da povoação, para as bandas do sul, onde seria a propriedade do referido alcaide.

As pedras tem o feitio de baús, ou melhor ainda de tampas de máquinas de costura, são grandes, maciças, de bom trabalho, cortadas por certo nos bancos de lioz rosado das Fervenças; lateralmente, ao correr da base, são providas de um ressalto, saliente 1 decímetro apenas, que serve para dar maior leveza à linha do monumento.

A primeira, indicada no *Corpus* sob o n.º 299, tem a seguinte inscrição

M · IVLIVS · C · IVL  
APRONIA · M · F  
IVLIA · AVITA · Sº  
ROR · H · S · S ·

que julgo poder traduzir assim: *Marco Júlio, Caio Júlio, Aprónia, filha de Marco e Júlia Avita irmã, estão aqui sepultados.*

A pedra está um pouco estragada na parte que assenta sobre o solo e tem de comprimento 1<sup>m</sup>,18, de largura 0<sup>m</sup>,57 e de altura 0<sup>m</sup>,52. A faixa do rebôrdo tem de largura 0<sup>m</sup>,11 e de saliência 0<sup>m</sup>,01.

A segunda tampa tumular, mais simples, diz apenas:

GAL · AVITVS · (A)NN  
M · IVLIVS · M · F ·  
LXVIII · H · S · E

ou seja *Marco Júlio Avito, da tribo Galéria, filho de Marco, de sessenta e oito anos, está aqui sepultado.*

Esta pedra tem de comprimento 1<sup>m</sup>,095, de largura 0<sup>m</sup>,59, e de altura 0<sup>m</sup>,46; a faixa lateral do sopé, tem 0<sup>m</sup>,14 de largo e 0<sup>m</sup>,01 de saliência. As inscrições, tanto numa como noutra, são perfeitas, bem gravadas, revelando o séc. I; o seu tipo de letra é o que usualmente se acha também nos letreiros fúnebres dos arredores de Lisboa.

No vol. XIV (1909) do *Archeólogo Português*<sup>1</sup>, o Sr. Dr. Alves Pereira, estudando uma tampa sepulcral idêntica a estas minhas, apresentou pela primeira vez a relação das pedras com esta forma existentes em Portugal, e tirou conclusões da sua distribuição geográfica, mostrando as diferenças entre as achadas no Algarve, no Alentejo e na Estremadura.

Quem percorrer a coleção das que existem no Museu Etnológico notará facilmente que as algarvias, muito altas em relação à largura, apresentam a inscrição num pequeno quadro, ao lado direito do dorso, e não possuem faixa de estabilidade; que as alentejanas são do feitio de barril, descansando num pedestal, com o letreiro, no centro da pedra; que as estremenhas, idênticas todas às de Lourel, tem a inscrição sempre num dos topos da pedra.

Entre as estremenhas, e em especial nas do termo de Lisboa, aparecem com frequência as anepígrafas. Com ou sem letras tenho tido ocasião de as ver em S. João das Lampas, ermida da Terrugem, Odrinhas, Funchal, Montelavar e Caparide, nos arredores do Estoril. Dêste último ponto já vieram quatro para o Museu Etnológico, duas das quais ainda inéditas.

Não se limita porém às três regiões indicadas a área de dispersão destas tampas tumulares; encontrei-as também já no alto distrito de Coimbra, uma na Bobadela, metida no material de um muro, outra no patim de uma escada que dá acesso para a porta lateral direita da igreja de Lourosa da Serra da Estrêla<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *O Arch. Port.*, pp. 261-265, «Tampa de sepultura da época romana».

<sup>2</sup> Vergílio Correia, *A igreja de Lourosa da Serra da Estrêla*, p. 7.

¿A que época pertencem estes monumentos?

Como já tive ocasião de dizer, o tipo de letra é do séc. I; uma outra circunstância porêem, já apontada pelo Dr. Alves Pereira, vem limitar melhor o tempo da factura. A invocação aos Deuses Manes só começou a introduzir-se nas inscrições funerárias depois de Augusto; ora as pedras de Laurel não começam por essa invocação, e procurando depois cuidadosamente em todas as congêneres, em nenhuma a encontrei. Isso alarga o campo das conclusões a tirar: não só as pedras são dos tempos coevos ou anteriores a Augusto, mas até o seu fabrico desapareceu em seguida ao govêrno dêste, pois que mais nenhuma pedra com esta forma aparece encimada pela referida invocação, pelo menos as dos arredores de Lisboa. Se aparecem em outras regiões, vêm apenas provar que as do Termo são as primeiras, cronológicamente.

De passagem quero notar que a forma dos caixões de Lisboa é idêntica à destas tampas tumulares e que em nenhuma outra parte do país êles são assim.

O local de fabrico de todas estas pedras tumulares do termo de Lisboa é fácil de achar-se; pelo exame do mármore reconhece-se que não poderiam ter vindo senão das Fervenças ou das Lameira. Hoje ainda todos os belos mármorees, que são o encanto e o orgulho de Lisboa, continuam a vir de lá.

VERGÍLIO CORREIA.

---

## A vila e concelho de Ferreira do Zézere

(Continuação d' *O Arch. Port.*, XVIII, 8)

### X

#### Pias e o seu termo nos séculos XVIII e XIX

A Comenda das Pias, lotada em 355\$000 réis, foi arrendada em 1758 por 375\$000 réis<sup>1</sup>.

Tinha sido tombada em 1732, quando pertencia ao conde de Soure, sendo juiz do tombo o dr. José de Lemos Pacheco, juiz de fora em Tomar. Sendo então representante do comendador, Manuel Delgado,

---

<sup>1</sup> M. 451 do cartório do convento de Cristo.